

Originalmente publicado em: (Outubro 2008) *Actas do 7.º Encontro Nacional (5.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Braga: Universidade do Minho.

A viagem na literatura para a infância. Duas propostas pedagógicas de Ana de Castro Osório

Maria Teresa Nascimento*

RESUMO

As viagens de Felício e Felizarda, primeiro ao Pólo Norte, depois ao Brasil, são duas propostas pedagógicas da autoria de Ana de Castro Osório, pensadas para o ensino nas escolas, no primeiro quartel do século xx, que combinam o didactismo com o prazer da leitura.

O motivo da viagem constitui o nó estruturante de cada um dos relatos, cujos traços configuradores revelam características próprias da literatura do género, como sejam a deslocação no espaço, o olhar do observador sobre o espaço circundante, ou o encontro com o Outro. Chegam, assim, por esta via, aos pequenos leitores, lições de História e de Geografia, a maior parte delas protagonizadas pelos bonifrates, Felício e Felizarda. E é pela vertente da ficcionalização e pelos caminhos que abrem à imaginação que as *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte* e as *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* transpõem os limites do compêndio de uso escolar e penetram no universo da literatura infantil.

ABSTRACT

The travels of Felício and Felizarda, first to the North Pole, then to Brazil, are two pedagogical proposals by Ana de Castro Osório which combine didacticism with the pleasure of reading and which were intended to be taught at schools during the first quarter of the 20th Century. The travel motif provides the core structure in each of the stories, the configuring traits of which reveal characteristics that are proper to this genre, such as movement in space, the beholding look of the observer in relation to what surrounds him/her, or the encounter with the Other. Through this medium, young readers receive lessons in History and Geography, the majority of which as experienced by the puppets Felício and Felizarda. And it is through fictionalisation and how this spurs the imagination that the *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte* and the *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* go beyond the limits of a schoolbook into the realm of Children's Literature.

A 7 de Abril de 1920, segundo esclarecimento dos editores, apresentavam-se a concurso aberto pela Direcção-Geral do Ensino Normal e Primário as *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda*, que viriam a ser aprovadas para leitores correntes da 5.^a classe em 30 de Janeiro de 1922¹. Razões de natureza económica para os educandos ditariam, segundo a mesma fonte, ainda, a partição da obra em dois volumes: *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte* (1922) e *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* (1923).

* Universidade da Madeira (marjesus@uma.pt).

¹ Durante a República vigorou a política da adopção de vários manuais escolares. Uma Comissão examinadora e o Conselho Superior da Instrução Pública seriam ouvidos sobre esta matéria. Cf. Maria Cândida Proença *et alii*, (2000), *Os Descobrimentos no Imaginário Juvenil (1850-1950)*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 49.

Das motivações das narrativas nos informa a primeira delas. Retido em casa, numa vila da Beira, não identificada, de perna partida, Pedrinho não pode deslocar-se à romaria, por que tanto ansiava. Da mãe, que permanecera com ele e a quem requer o exclusivo da atenção, surge o ensinamento colhido na sua própria meninice: na solidão da noite, sem vontade de dormir, convertia-se ela mesma em personagem de histórias que inventava:

Compunha histórias, imaginava viagens, fazia-me protagonista de aventuras extraordinárias, e assim ia fixando a Geografia e a História que aprendia nos livros.²

História e Geografia, aventuras, viagens e histórias serão igualmente os elementos integrantes das duas narrativas que elegem como protagonistas Felício e Felizarda, os bonifrates destinados a venda na romaria, que a mãe de Pedrinho se aplicava em vestir, no seu propósito de ajudar a viúva Teresa, uma vizinha necessitada.

Baptizados e animados de uma identidade, moralmente feitos à imagem do Homem, ei-los prontos a principiar uma viagem de aventuras, um percurso de aprendizagem, cuja veridicidade se reclama de fantasia, quer a de Pedro, destinatário imediato do mundo ficcional de cada uma das narrativas, quer a dos leitores do universo escolar da 5.ª classe da escola primária. Este duplo aspecto confere, certamente, a estas obras uma dimensão que, assentando na utilidade e no deleite, convoca saberes de cariz programático e códigos de natureza retórica próprios da literatura de viagem, que não apenas se entrecruzam, mas também se encontram legitimados pelas orientações metodológicas emanadas da Direcção do Ensino Primário e Normal.

Em 1911, o estudo da Geografia pressupunha a possibilidade de incorporar «contos de viagem» e, em 1921, para a 5.ª classe, dirigida ao «Estudo geral sumário dos continentes», preconiza-se:

O professor esboçará planos de excursões às várias regiões do Continente, às ilhas adjacentes e possessões ultramarinas e os alunos descreverão tudo o que supuserem ver, desde a partida até ao regresso, tendo em vista o desenvolvimento industrial, comercial, agrícola, importância histórica e os costumes da região.³

Sugestões metodológicas desta natureza encontram a sua materialização, embora aplicadas a outras regiões – o Pólo Norte e o Brasil – numa componente lúdica, no fazer-de-conta, em que são chamados a acreditar Pedrinho e os diversos alunos deste grau de ensino.

Acordada a Felício e Felizarda a sua condição de viajantes, e definido o rumo da aventura em cada um dos livros, ei-los aprestando-se, como todos os passageiros de carne e osso, para a partida. Antecedendo cada uma das viagens surge a menção necessária aos seus preparativos. Bagagens e indumentária são descritas em pormenor, tanto no início do primeiro dos livros, em relação ao Pólo Norte, como no seu final, a antecipar já a partida dos heróis, como os designa o narrador, para o seu próximo destino, o Brasil.

² Ana de Castro Osório, (1998), *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*, Organizado e prefaciado por Fernando Vale, Lisboa: Instituto Piaget, p. 24.

³ In *Diário do Governo*, (7 de Novembro de 1919), 1.ª série – 2.º Semestre, Decreto n.º 6 203.

A deslocação no espaço e ao longo do tempo, predicado inerente à viagem, encontra-se habitualmente balizada em dois momentos bem definidos – o da partida e o do regresso – susceptíveis de tratamento distinto, em cada um dos livros. Sem atenção aos pormenores da largada – entendem-se apenas necessárias algumas explicações referentes ao enquadramento dos leitores no cenário da Terra Nova e à importância e dificuldades da faina da pesca do bacalhau – se descobre tanto o narrador das *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*, quanto as suas personagens. Portugal será, sim, à chegada, objecto de evocação, pelo contraste climático e anímico estabelecido com o espaço encontrado:

*Na formosa terra portuguesa deixavam a Primavera, os campos cheios de flores, o sol ardente, as tardes longas e doiradas, as noites tépidas e pequenas, as mais curtas do ano. Ali, iam encontrar a sombra, o nevoeiro, a tristeza duma região que mal acorda num fugaz estio e é logo sufocada pelo Inverno que a não abandona.*⁴

Já a partida de Lisboa recebe os olhares atentos dos nossos viajantes, rumo ao Brasil. Primeiro, detendo-se no bulício da chegada pressurosa dos diversos passageiros ao paquete e logo na sua acomodação em conformidade com o respectivo estatuto social, depois, no perscrutar individual das emoções, que conclui com o olhar alongado sobre a Pátria que a pouco e pouco se afasta, perdidos de vista a Torre de Belém, os Arcos das Águas Livres ou a Torre de São Julião, a terra reduzida, em breve espaço, a um mero amontoado de luzes distantes. Os momentos de partida e de chegada e a concomitante descrição do espaço envolvente abrangido pelo olhar são, aliás, reiterados nesta obra, como o provam a aproximação a Pernambuco, a chegada ou a saída do Rio e ainda o afastamento da Madeira, já na viagem de regresso a Portugal.

Das etapas da jornada também nos dá conta esta mesma obra, em contraste com a precedente. São assinaladas a passagem pela Madeira e pelas Canárias, como também a transposição da linha do Equador, sempre motivo de expectativa para qualquer viajante nas mais diversas viagens.

Em Dakar, único ponto de paragem antes da chegada ao Brasil, os viajantes desembarcam para uma breve visita, importante pela representação da alteridade que esta permite veicular.

Depois de se terem demorado na observação do porto e na constatação dos benefícios que a sua condição de dependência colonial trouxera àquilo que «não era mais do que uma miserável possessão africana, quasi somente constituída por cubatas de pretos»⁵; após passarem em revista alguns dos monumentos mais significativos da cidade, Felício e Felizarda optarão por ficar a escrever postais ilustrados, o que, se por um lado denota a sua qualidade de viajantes, como o texto faz questão de sublinhar, é igualmente significativo do menosprezo com que encaram o que deixam por visitar:

*Alguns companheiros foram até ao bairro indígena, mas os nossos amigos não estiveram para apanhar uma soalheira senegalense para ver sanzalas de pretos... Fartos disso, – diziam eles – estamos nós na nossa África.*⁶

⁴ *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*, op. cit., pp. 38-39.

⁵ Ana de Castro Osório, (1928), *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*, Lisboa: Lusitânia Editora, Lda., p. 19.

⁶ *idem*, p. 24.

Seria, afinal, porque era essa uma realidade já conhecida dos nossos viajantes? Também o eram as várias manifestações das «civilizações superiores» e essas, longe de fatigar o olhar, só produziram agradável surpresa por permitirem demonstrar que estão doravante mais próximos do colonizador que transforma o colonizado à sua imagem.

— *E nota, como os soldados, tanto os europeus como os senegaleses, têm um imponente garbo marcial e andam bem calçados e vestidos com asseio e fatos apropriados a este terrível clima.*⁷

Chegados ao Brasil, os contactos directos de Felício e Felizarda com a população brasileira passam sem referência particular. Em contrapartida, e no abstracto, são diversos os momentos em que se estabelecem juízos de valor fundados em laços de ancestralidade irmã. Os brasileiros e os portugueses constituem uma mesma raça, com o «mesmo passado, as mesmas tradições, os mesmos defeitos e qualidades»⁸, como afirma Felício⁹.

Estamos, na verdade, em presença de um povo no qual se não vê já o Outro, mas um Mesmo de nós próprios.

Pelo contrário, nas *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*, são as diferenças, de natureza física, em primeiro lugar, e só depois, de carácter civilizacional que condicionam a observação do Outro. As primeiras apenas espelham cânones distintos de beleza, como se percebe no excerto que se segue:

*As suas caras largas e chatas, os olhos pequenos, a boca rasgada e um nariz que não é muito grande não os faz apresentar ao nosso artístico como criaturas de graça e de beleza.*¹⁰

As segundas denunciam o gesto depreciativo de um povo que também pelos hábitos de higiene afirma a sua superioridade:

*Sempre besuntados de óleo e de gordura, o seu cheiro é particularmente repugnante, porque este pobre povo inferior não tem a noção do mais elementar asseio.*¹¹

A viagem de regresso marca, por isso, a entrada «na grande civilização»¹². A especificidade das terras percorridas confere a estas duas narrativas características bem diversas, com repercussões no próprio estado de espírito de Felício e Felizarda.

⁷ *idem*, p. 20.

⁸ *idem*, p. 42.

⁹ Em *A Minha Pátria*, vai-se ainda mais longe nesta ligação visceral com o Brasil, quando a Mãe afirma a Jorge que «se por uma tremenda fatalidade, o nosso país, a nossa língua, a nossa história, pudessem desaparecer completamente da memória humana, bastava que ficasse o Brasil, esse grande e magnífico país, para que o nome, a língua e a história de Portugal, fossem recordados e, frequentemente, com respeito.» (pp. 275-276). *A Minha Pátria*, que data de 1906, é também uma obra de Ana de Castro Osório, dedicada ao estudo da História de Portugal, para uso nas escolas. Foi aprovada em concurso pela Comissão Especial dos Livros e pelo Conselho Superior de Instrução Pública para Prémios Escolares.

¹⁰ *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*, op. cit., p. 65.

¹¹ *Idem*, *ibidem*.

¹² *idem*, p. 92.

À exuberância e profusão das terras brasileiras faz-se corresponder um ritmo narrativo mais acelerado, a contrastar com a quase suspensão temporal ou o estatismo em que parece decorrer a acção, na imensidão gelada da Antártida:

E assim ia decorrendo o tempo, com poucas alterações e novidades, além da caça ou da pesca, o que, no fim de contas, à força de repetido, também se tornava monótono.

A vida na colónia era esperar, deixar correr o tempo até chegar o sol, e com ele a estação própria para continuarem os trabalhos de exploração.¹³

E, no entanto, é nesta obra que, do ponto de vista textual, a passagem do tempo se faz com maior precisão, com referência a alguns dos seus meses mais marcantes. Maio assinala a chegada à Terra Nova; Setembro obriga à interrupção na viagem de exploração científica e, em Novembro, dia e noite convertem-se num só. Janeiro é o prenúncio dos bons dias de Fevereiro, o regresso do sol, após o qual se presume também o regresso à Pátria.

Já relativamente aos viajantes em terras brasileiras, em que se sucedem as cidades e as paisagens múltiplas, apenas constatamos a urgência do tempo e a sua escassez, quando fica tanto por ver, e por isso é imprescindível agendar para um próximo retorno.

Ficamos sem referentes temporais entre a partida e o regresso, marcados os dias, apenas, pelo ontem, pelo hoje ou pelo amanhã, e sem que a isso se associe, mesmo assim, a efectivação de mais uma etapa no percurso da viagem marítima ou o registo do desfile de espaços e paisagens múltiplas já em terras brasileiras.

O Brasil é, por isso mesmo, a Terra Prometida¹⁴, como o texto faz questão de assinalar, e essa sensação de plenitude que todos partilham reflecte-se na euforia dos bonifrates, que chega a contrastar com um ou outro momento da visita das mesmas personagens à Terra Nova:

Felizarda, que adora a vegetação e ama sobretudo as grandes árvores, sentia-se oprimida e tristonha vendo a nudez desolada daquela região. Nem uma árvore, nem um campo verde e largo, onde repousar os olhos, nem uma flor! Quando muito, uma vegetação arbustiva, raquítica e desbotada, a crescer nas rochas, que se elevam do mar, sempre embravecido.¹⁵

No Brasil, perante os olhares maravilhados destes nossos viajantes, desfilam espécies infinitas da flora, numa profusão de cores e de formas inigualáveis e, se acontece tratar-se de variedades existentes na Europa, elas assumem agora uma nova pujança.

A observação não é, no entanto, a única fonte de transmissão da realidade. A colmatar a exiguidade temporal com que se debatem Felício e Felizarda, nesta sua visita, pode o seu olhar ser substituído pela voz de outra personagem, cujo saber a habilita a satisfazer a curiosidade dos viajantes.

¹³ *idem*, p.71.

¹⁴ A conotação do Brasil com Terra Prometida pode encontrar-se consubstanciada, por exemplo, na fertilidade que faz com que o milho tenha duas colheitas no mesmo ano. 1.ª série – Vide *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*, p. 138.

¹⁵ *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*, op. cit., p. 40.

O naturalista Sampaio, emigrante português, há muito radicado no Brasil, com quem as personagens travaram conhecimento a bordo do paquete, transforma-se quer no amigo privilegiado que sugere os diferentes itinerários a percorrer, como faz na carta em que aconselha a imprescindível visita a São Paulo, quer no mestre de quem se recebem lições sobre a fauna e a flora brasileiras. Não sendo possível a ida à Amazónia, vemos o sr. Sampaio a descrever a sua natureza exuberante; manifestando os bonifrates curiosidade pelo conhecimento das térmitas e da saúva, ei-lo alimentando o diálogo com os seus pequenos companheiros, num longo excuro de cinco capítulos em que explicará as características e o modo de vida destas espécies.

Pode acontecer também que a explicação brote de forma espontânea. Em diálogo, Felício e Felizarda são por vezes escutados por outros, que entendem esclarecê-los sobre dúvidas manifestadas, ou que simplesmente contribuem para enriquecer os conhecimentos que eles já detêm.

— *O cafezal será semeado?* — *perguntou Felizarda.*
 — *É, mas não no campo onde se cultiva* — *informou um companheiro de viagem que seguia com amável sombra [sic] a conversa dos entusiásticos viajantes.* — *Quando já está crescidinho é que se planta nos campos em que há-de ficar.*¹⁶

Aquilo que de início quase parecia uma pergunta em voz alta acaba por receber a resposta de um companheiro de viagem, que assim abrirá o caminho para múltiplas questões dos pequenos viajantes, que vão acompanhando a descoberta da nova realidade. A descrição, modo privilegiado de transmissão da realidade em muitas narrativas de viagens, ocorre muitas vezes, em *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*, no espaço do diálogo, baseado frequentemente numa estrutura de pergunta-resposta. O diálogo, não o esqueçamos, convertera-se, desde a Antiguidade Greco-Latina, num poderoso instrumento ao serviço da aprendizagem, e Ana de Castro Osório, sem fazer dele uso exclusivo, parece consciente dos benefícios de tal modo de expressão, a que crescem os que resultam da dissimulação do contexto escolar sob o jogo literário. Talvez, também por isso, e atendendo à faixa etária dos leitores, a descrição, seja ela da responsabilidade de uma das personagens, ou da mãe, a quem cabe o papel de narradora, jamais abranja uma extensão relevante em termos de espaço discursivo.

Em *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*, a situação não fora diferente a este respeito. O diálogo é igualmente relevante, mas a descrição pode fazer-se muitas vezes em discurso indirecto – veja-se, por exemplo, o esclarecimento do capitão respondendo às dúvidas de Felizarda sobre a diferente cor tomada pelas montanhas geladas¹⁷. Também a subordinação da descrição ao olhar dos pequenos viajantes, sem que a enunciação discursiva lhes cumpra, pode ocorrer algumas vezes, como acontece com a captura da baleia e a posterior tarefa de a desmanchar.

O propósito didáctico da notação de novas realidades é, na verdade, uma constante em qualquer uma das obras, mas nenhum dos livros põe de parte a hipótese de servir como veículo de transmissão de um pensamento ideológico que continua a encontrar à

¹⁶ *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*, *op. cit.*, p. 72.

¹⁷ *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*, *op. cit.*, pp. 55-57.

distância de séculos, na História passada dos Descobrimentos portugueses e em alguns dos seus protagonistas, uma lição estimulante para o presente – a ida de Felício e de Felizarda ao Brasil e a possibilidade do encontro com essa região representam, assim, «uma formidável manifestação do génio e do trabalho português».¹⁸

À partida para a Terra Nova, lembram-se viajantes intrépidos que tudo fizeram para levar longe o nome português, como os irmãos Corte-Real, cuja memória, trazida ao diálogo pela mãe de Pedrinho, encontra ecos na leitura que já ele fizera de *A Minha Pátria*. Evocar os Descobrimentos, em cada um dos livros em que as manifestações de patriotismo são recorrentes, é sempre correlato do enaltecimento da glória de um povo, que tem como país «um dos maiores do mundo»¹⁹.

É por isso significativo que as leituras²⁰ aqui evocadas e já realizadas por Pedrinho passem por obras como *A Minha Pátria*, *Peregrinação*²¹ ou *Os Lusíadas*.

Mas o tom em que à altura se teciam críticas ao desaproveitamento das potencialidades económicas das regiões descobertas converte-se agora em advertência às novas gerações para que não persistam, em pleno século xx, «em continuar a percorrer o mundo como dantes para descobrir terras... e deixá-las aos outros para lhes tirar o proveito»²², evitando que a História se repita. Repetem-se, isso, sim, pelas bocas de Felício e de Felizarda, juízos de valor da facção desfavorável à partida da Corte para o Brasil:

— Não achas, Felizarda, que ao ver esta terra de beleza e opulência, não admira que o rei D. João VI não quisesse mais voltar ao país, onde o esperavam tantas lutas?!

— O que não impede que tenha feito uma triste figura, deixando Portugal numa hora de tamanho perigo, e que não tenha dado ao mundo o mais desgraçado exemplo de covardia governativa.

— Sim, tu falas bem, mas que queres? A Natureza não o fadara para herói!²³

Ana de Castro Osório preocupa-se ainda em deixar aos pequenos leitores lições de diversa ordem sobre comportamentos de natureza cívica e ética. E assim a vemos, quando o sr. Sampaio descreve uma floresta virgem, entregar às suas personagens reflexões muito sérias sobre o valor inestimável das árvores e a necessidade da sua protecção, denunciado que é, de forma emotiva, por Felizarda, o arranque de olivais inteiros em Portugal, como um acto de ganância e violência. Tendo escapado incólume aos efeitos devastadores da guerra²⁴, o país via agora passar como um «furação» a cólera dos ataques perpetrados contra olivais, castanheiros e pinheiros. E o apelo ao patriotismo, proclama-o Felizarda como o único garante de salvaguarda do meio ambiente.

¹⁸ *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*, op. cit., p. 15.

¹⁹ *idem*, p. 67.

²⁰ O papel do livro como mecanismo posto ao serviço do conhecimento ocorre várias vezes ao longo das duas obras. É significativa a este propósito a afirmação de Felizarda: «Estávamos arrançados se soubéssemos apenas o que vemos com os nossos próprios olhos!... Quem não conhece senão o que eles nos mostram pouco vê, afinal! O que nos dá luz à alma é o saber, o comparar, o estudar nos livros.» in *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*, op. cit., p. 59.

²¹ «A nossa literatura e a nossa história estão cheias de descrições admiráveis de viagens, que devem ser lidas por toda a gente que bem queira à sua Pátria, como por exemplo essas maravilhosas “Peregrinações” do grande Fernão Mendes Pinto, que te ofereci no dia dos anos.» *idem*, p.28.

²² *idem*, p. 99.

²³ *idem*, p. 48.

²⁴ Felícia refere-se, naturalmente, à Guerra de 1914-1918.

Exaltam-se, nas duas obras, valores patrióticos, até mesmo quando a sua expressão se resume à elementar manifestação prosaica da saudade, à vista de um simples objecto que recorde a Pátria distante²⁵.

Transmite-se igualmente a mensagem de que a geração destes pequenos leitores está em condições de intervir na revisão e conseqüente melhoria da conjuntura económica e social portuguesa, tornando-se a esse propósito explícitas as virtualidades pedagógicas de cada um dos livros, seja, por exemplo, na chamada de atenção para a necessidade da existência de bons observatórios meteorológicos²⁶ e de condições de salvamento para os homens do mar ou ainda na de uma desejável preparação para todos aqueles que deixam o nosso país em busca de melhores condições de vida:

Que o vosso Pedrinho faça correr por todas as escolas a descrição desta bem proveitosa viagem e que os emigrantes de amanhã venham já senhores de si, sabendo o que vêm fazer e ligando a sua acção de cá com a de lá sem perderem nunca a noção de que – de toda a forma que se trabalhe – o nosso esforço deve ter o sentido superior de valorizar a nossa raça, de engrandecer a acção dos nossos irmãos do passado com os do presente e até do futuro.²⁷

O final das *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* constitui igualmente uma lição de cidadania, posta em relevo através do encarecimento do papel das associações como forma de organização social dos alunos da escola primária. Para essas estruturas chamara já Ana de Castro Osório a atenção em *O Jornal dos Pequeninos*, publicação periódica de que era directora. No seu número três, de 1907, composto por poesia, adivinhas, charadas, cartas dos leitores e contos de autor, o editorial reflecte precisamente sobre o papel das associações infantis, nomeadamente as escolares.

Termina em apoteose o segundo dos livros. A confirmar a combinação entre o deleite e o didactismo que vimos observando, e numa provável coincidência temporal com o encerramento do ano lectivo dos pequenos leitores, surge a festa final. Realizada para comemorar a cura de Pedrinho, a representação do *Auto do Trabalho* ou *O Passado e o Futuro*, a partir do texto de Ana de Castro Osório e Paulino de Oliveira, integralmente reproduzido, significa a exaltação dos valores do trabalho, à custa do progresso e da ciência.

Despedira-se, antes, o narrador, e, nas mãos dos seus leitores, deixara a decisão do prosseguimento de novas viagens, estratégia eminentemente retórica, num contexto em que a recepção destas duas obras se não afigurava sujeita aos mesmos constrangimentos de natureza editorial do que os da literatura infantil canónica, subordinada aos critérios de gosto do mediador/comprador.

²⁵ Veja-se, por exemplo, como a simples visão dos repolhos portugueses transportados para Dakar desperta nos viajantes «o sentimento da Pátria», *idem*, p. 21.

²⁶ *idem*, p. 27.

²⁷ *idem*, p. 100.

Referências Bibliográficas

- ▶ DIÁRIO DO GOVERNO (1919). 1.^a série – 2.^o Semestre, Decreto n.º 6 203, de 7 de Novembro.
- ▶ GAYAZ, A. (2005, Coord.). *XVI Encontro de Literatura para Crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Bolsas.
- ▶ OSÓRIO, A.C. (1906). *A Minha Pátria*, (ilustrações de Rachel Roque Gameiro et al.). Setúbal: Livraria Editora para as Crianças.
- ▶ OSÓRIO, A.C. (1928). *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*. Lisboa: Lusitânia Editora.
- ▶ OSÓRIO, A.C. (1998). *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*, (Org. Fernando Vale). Lisboa: Instituto Piaget. (1.^a ed., 1922).
- ▶ OSÓRIO, A.C. (1907, dir.). *O Jornal dos Pequeninos*, n.º 3. Setúbal.
- ▶ PROENÇA, M.C., et al. (2000). *Os Descobrimentos no Imaginário Juvenil (1850-1950)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.